

A ética e a produção do conhecimento hoje¹

Mário Sergio Cortella²

Ressaltemos desde o início: a ética é uma questão absolutamente humana!

Só se pode falar em ética quando se fala em humano, porque a ética tem um pressuposto: a possibilidade de escolha. A ética pressupõe a possibilidade de decisão, ética pressupõe a possibilidade de opção. Por exemplo, lembrem-se de um filme antigo chamado “A escolha de Sofia?” Não há escolha ali, escolha é quando você pode escolher, e ali não há escolha: havia dois filhos, ela tinha que escolher qual ia morrer, qual ia ficar; não há escolha, não há uma questão ética ali.

É impossível falar em **ética** se nós não falamos em **liberdade**. Quem não é livre não pode evidentemente ser julgado do ponto de vista da ética. Outros animais, ao menos nos parâmetros que utilizamos, agem de forma instintiva, não-deliberada, sem uma consciência intencional. Cuidado. Tem gente que diz assim: “Eu queria ser livre como um pássaro”; lamento profundamente, pássaros não são livres, pássaros não podem não voar, pássaros não podem escolher pra onde voam, pássaros são pássaros, se você quiser ser livre você tem que ser livre como um humano. Pensemos algo que pode parecer extremamente horroroso: como disse Jean-Paul Sartre, nós somos condenados a ser livres.

Daí, da liberdade, vêm as três grandes questões éticas que orientam (mas também atormentam, instigam, provocam e desafiam) as nossas escolhas: **Quero? Devo? Posso?**

Retomemos o cerne: o exercício da ética pressupõe a noção de liberdade. Existe alguém que eu possa dizer que não tem ética? É possível falar que tal pessoa “não tem ética?” Não, é impossível. Você pode dizer que ele não tem uma ética como a tua, você pode dizer que ele tem uma ética com a qual você não concorda, mas é impossível dizer que alguém não tem ética, porque ética é exatamente o modo como ele compreende aquelas três grandes questões da vida: devo, posso, quero?

Tem coisa que eu devo mas não quero, tem coisa que eu quero mas não posso, tem coisa que eu posso mas não devo. Aqui, nestas questões, vive aquilo que a gente chama de dilemas éticos; todas e todos sem exceção temos dilemas éticos, sempre, o tempo todo: devo, posso, quero? Tem a ver com fidelidade na tua relação de casamento, tem a ver com a tua postura como motorista no trânsito; quando você pensa duas vezes se atravessa um sinal vermelho ou não, se você ocupa uma vaga que é o que você está vendo à distância que alguém está dando sinal de que ele vai querer entrar; quando você vai fazer a sua declaração de Imposto de Renda; quando você vai corrigir provas de um aluno ou de

um orientando teu; quando você vai cochilar depois do almoço, imaginando que tem uma pia de louça lá que talvez outra pessoa vá lavá-la, e como você sabe que ela lava mesmo, e que se você não fizer o outro faz, ali você tem a grande questão ética que é: devo, posso, quero?

Por exemplo, quando se fala em bioética: podemos lidar com clonagem? Podemos, sim. Devemos? Não sei. Queremos? Sim. Clonagem terapêutica, reprodutiva? É uma escolha. Posso eu fazer transplante intervivos? Posso. Devo, quero? Tem coisa que eu devo mas não quero; aliás, a área de Saúde é recheada desses dilemas éticos, a área de Ciência e Medicina é recheada desses dilemas éticos; tem muita coisa que você quer mas não pode, muita coisa que você deve mas não quer.

Na pesquisa, já imaginou? Por que montamos comitês de pesquisa, por que a gente faz um curso sobre ética na pesquisa em saúde coletiva? Porque isso é complicado, se fosse uma coisa simples a gente não precisava fazer curso, não precisava estudar, não precisava se juntar. É complicadíssimo, porque nós estamos mexendo com coisas que têm a ver com a nossa capacidade de existir, e é claro, quando se pensa especialmente no campo da ética, essa relação com liberdade traz sempre o tema da decisão, da escolha.

Por quê que eu estou dizendo isso? Porque não dá para admitir uma mera repetição do que disseram muitos dos generais responsáveis pelo holocausto e demais atrocidades emanadas do nazismo dos anos 1940. Todos, exceto um que assumiu a responsabilidade, todos eles usaram o mesmo argumento em relação à razão de terem feito o que fizeram. Qual foi? “Eu estava apenas cumprindo ordens”.

“Estava apenas cumprindo ordens”, isso me exime da responsabilidade? Estava apenas obedecendo... Essa é uma questão séria, sabe por quê? Porque “estava apenas cumprindo ordens” implica na necessidade de nós pensarmos se a liberdade tem lugar ou não. Ética tem a ver com liberdade, conhecimento tem a ver com liberdade, porque conhecimento tem a ver com ética.

Por isso, se há algo que também é fundamental quando se fala em ciência, ética na pesquisa e a produção do conhecimento, é a noção de integridade. A **Integridade**

¹ Este texto, resultante de exposição oral, guarda propositadamente características coloquiais.

² Filósofo, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP, na qual é Professor-Titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da Pós-Graduação em Educação (Currículo); foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo (1991-1992) e é autor, entre outros livros, de *A Escola e o Conhecimento (fundamentos epistemológicos e políticos)*, 8 ed, São Paulo: Cortez, 2004.

é o cuidado para manter inteiro, completo, transparente, verdadeiro, sem máscaras cínicas ou fissuras.

Nesta hora um perigo se avizinha: assumir-se individual ou coletivamente uma certa “esquizofrenia ética”. Ela desponta quando as pessoas se colocam não como inteiras, mas, repartidas em funções que pareceriam externas a elas. Exemplos? “Eu por mim não faria isso, mas, como eu sou o responsável, tenho de fazê-lo”. Ora, eu não sou eu e uma função, eu sou uma inteireza, eu não sou eu e um professor, eu e um pesquisador, eu e um diretor, eu e um Secretário, eu sou um inteiro. “Eu por mim não faria”, então eu não faço!

Cautela! Coloca-se aqui um estilhaçamento da integridade “Eu por mim não te reprovava, mas como eu sou seu professor, eu tenho que reprovar”; “Eu por mim não te mandaria embora, mas como eu sou teu chefe...”; “Eu por mim não te suspenderia, mas como eu sou seu superior...”; “Eu por mim não faria isso, mas como eu sou o contador...”; “Eu por mim não faria isso, mas como eu sou o responsável pelo laboratório...”; “Eu por mim não faria”, então eu não faço; “Eu por mim não te reprovava”, então não reprovado. De novo: eu não sou eu e uma função, eu não sou eu e um pesquisador, eu e um chefe do laboratório, eu e um diretor de instituto, eu e um Secretário...

O esboroamento da integridade pessoal e coletiva é a incapacidade de garantir que a “casa” fique inteira, e para compreender melhor a idéia de “casa íntegra”, vale fazer um breve passeio pelas palavras.

Talvez as pessoas que estudaram um pouco de etimologia se lembrem que a palavra ética vem pra nós do grego *ethos*, mas *ethos* em grego, até o século VI a. C., significava *morada do humano*, no sentido de caráter ou modo de vida habitual, ou seja, o nosso lugar. *Ethos* é aquilo que nos abriga, aquilo que nos dá identidade, aquilo que nos torna o que somos, porque a tua casa é o modo como você é, onde está a tua marca.

Mais tarde, esse termo para designar também o espaço físico foi substituído por *oikos*. Aliás, o conhecimento mais valorizado naquela sociedade grega era o que cuidava das regras da casa, para a gente poder viver bem e para deixar a casa em ordem. Como regra ou norma é o vocábulo *nomos*, passou-se a ter a *oikos nomos* (a economia) como a principal ciência.

Mas, a noção original de *ethos* não se perdeu, pois os latinos a traduziram pela expressão *more*, ou *mor*, que acabou gerando pra nós também uma dupla concepção; uma delas é *morada*, uma outra delas, que vai ser usada em latim, que é o lugar onde você morava, que era o teu *habitus*. Olha só, aquela expressão “O hábito faz o monge” não tem a ver com a roupa dele, *habitus*, (onde você usa também *habitat*), *habitus* é exatamente onde nós vivemos, o nosso lugar, a nossa habitação.

Assim, quando se pensa em ética e produção do conhecimento hoje, a grande questão é: como está a nossa possibilidade de sustentar a nossa integridade, essa

integridade como se coloca? A integridade da vida individual e coletiva, a integridade daquilo que é mais importante, porque uma casa, *ethos*, tal como nós colocamos, é aquela que precisa ficar inteira, é aquela que precisa ser preservada.

Como está a morada do humano? Essa morada do humano ela desabriga alguém? Tem alguém que está fora da casa, tem alguém que está sem comer dentro dessa casa? Tem alguém que está sem proteção à sua saúde, tem alguém que está sem lazer dentro dessa casa? Essa morada do humano ela é inclusiva ou ela é exclusiva? Essa morada do humano lida com a noção de qualidade em ciência, ou lida com a noção de privilégio? Cuidado. Uma coisa que se confunde muito em ciência é qualidade com privilégio; qualidade tem a ver com quantidade total, qualidade é uma noção social, qualidade social só é representada por quantidade total, qualidade sem quantidade não é qualidade, é privilégio. São Paulo é uma cidade em que se come muito bem, é verdade; quem come, quem come o quê? Qualidade sem quantidade total não é qualidade, é privilégio, e todas as vezes que se discute essa temática aparece a noção de uma qualidade restrita, e qualidade restrita, reforçemos, é privilégio, e nesse sentido a grande questão volta: será que na morada do humano alguém está desabrigado? Será que essa casa está inteira, ela está em ordem nessa condição?

Nesta nossa casa, quando a gente fala em cuidado, é o mesmo que falar em saúde; aliás, quando digo: “Eu te saúdo”, ou, “queria fazer aqui uma saudação”, etimologicamente é a mesma coisa. Saudar é procurar espalhar a possibilidade de cuidado, de atenção, de proteção. Nossa casa, que casa é essa? Há nela saúde? A ética é a morada do humano, essa casa é protegida como? Qual é o lugar da ciência dentro dela? Qual o papel que ela desempenha? Qual é a nossa tarefa nisso, para pensar exatamente aquelas três questões: posso, devo, quero?

É claro que essas questões e suas respostas não são absolutas, elas não são fechadas, elas são históricas, sociais e culturais. A mesma pergunta não seria feita do mesmo modo há vinte anos; a grande questão no nosso país há cento e cinqüenta anos, a grande questão ética há cento e cinqüenta anos é se eu podia açoitar um escravo e depois cuidar dele, ou só açoitá-lo e deixá-lo pra ser cuidado pelos outros; se eu poderia extrair o dente de alguém, se é mais recomendável pro dentista que ele faça extração ou que ele tente o tratamento. Alguns anos, algumas décadas, era algo que nem passaria pela cabeça de um dentista uma discussão de natureza ética, chega lá a pessoa e diz assim: “Eu quero que o senhor arranque todos os meus dentes”, ele fala: “Tá bom”; hoje você tem outra questão. O mesmo vale em relação ao uso de contraceptivos ou à legalização do aborto consentido, ou, ainda, sobre a separação entre princípios religiosos e conduta científica.

Quando se pensa na manutenção da integridade, do devo, posso e quero, a grande questão, junto com essa tríade, é se nós estamos dirigindo, como critério último, a proteção da morada do humano, da morada coletiva do humano, afinal de contas, não somos humanos e humanas individualmente, nós só o somos coletivamente. Fala-se muito em vivência, ao nos referirmos à vida humana; no entanto, o mais correto seria sempre dizer **convivência**, pois, ser humano é ser junto.

Desse modo, a noção de *ethos*, a noção de morada do humano, oferece um critério para responder ao posso, devo e quero, que é: protejo eu a morada ou desprotejo? Incluo ou excluo? Vitimo ou cuido?

Em um livro delicioso e de complexa leitura, Enrique Dussel escreve no *Ética da Libertação* (Vozes) um percurso da história da ética dentro do mundo; começa exatamente mostrando o lugar que a reflexão ética ocupa na história humana, mas ele vai concluir com algo que alguns até achariam curioso hoje: ele não aceita a noção do termo exclusão, ou falar em excluídos, porque acha que a noção de excluído é muito pequena e insuficiente. Dussel, ao pensar a Ética e os processos sociais, econômicos e culturais, trabalha com a noção de **vítimas**: as vítimas do sistema, as vítimas da estrutura. Pensa ele que quando se fala em excluído, dá-se a impressão de que é uma coisa um pouco marginal, lateral, enquanto que *vitimação* é uma idéia mais robusta e incisiva.

A principal virtude ética nos nossos tempos, pra poder manter a integridade e cuidar da casa, da morada do humano, é a incapacidade de desistir, é evitar o apodrecimento da esperança, é evitar aquilo que padre Antonio Vieira começava, num de seus Sermões, dizendo: "O peixe apodrece pela cabeça". Já viu um peixe apodrecer? Tal como algumas pessoas, ele apodrece da cabeça pro resto do corpo...

Um curso de ética em ciência na pesquisa tem uma finalidade: manter a nossa vitalidade, manter a nossa vitalidade ética, mostrar sim que nós estamos preocupadas e preocupados, que a gente não se conforma com a objetividade tacanha das coisas, que a gente não acha que as coisas são como são e não podem ser de outro modo, a gente não se rende ao que parece ser imbatível.

Ser humano é ser capaz de dizer não, ser humano é ser capaz de recusar o que parece não ter alternativa, ser humano é ser capaz de afastar o que parece sem saída. Ser humano é ser capaz de dizer não, e, só quem é capaz de dizer não pode dizer sim; aí está a nossa liberdade. Tem gente que diz assim: "Ah, a minha liberdade acaba quando começa a do outro"; cuidado, a minha liberdade acaba quando acaba a do outro; liberdade, como saúde, tem que ser um conceito coletivo, a minha liberdade não acaba quando começa a do outro, a minha liberdade acaba quando acaba a do outro. Se algum humano não for livre, ninguém é livre, se algum homem ou mulher não for livre da falta de trabalho, ninguém é livre; se algum homem ou mulher não for livre

da falta de socorro, de saúde, ninguém é livre; se alguma criança não for livre da falta de escola, ninguém é livre; a minha liberdade não acaba quando começa a do outro, minha liberdade acaba quando acaba a do outro. Ser humano é ser junto, e nesta hora, aí é que vale pensar essa capacidade nossa de dizer não a tudo que vitima e sermos capazes de proteger o que eleva a Vida.

O vínculo da Ética com a Produção do Conhecimento está relacionado à capacidade deste cuidar daquela, isto é, manter a integridade digna da vida coletiva.

Ética é a possibilidade de recusar a falência da liberdade, a ética é a nossa capacidade de recusar a idéia de que alguns cabem na nossa casa, outros não cabem; alguns comem, outros não comem, alguns têm graça e outros têm desgraça.

A ética é o exercício do nosso modo de perceber como é que nós existimos coletivamente, e aí, pensar com seriedade naquilo que François Rabelais vaticinou: "Conheço muitos que não puderam, quando deviam, porque não quiseram, quando podiam".

Quero? Devo? Posso?

Referências bibliográficas

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COSTA, J. F. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DUSSEL, E. **Ética da libertação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOHLBERG, L. **Essays in moral development**. San Francisco: Harper and Row, 1987.

KÜNG, Hans. *Projecto para uma ética mundial*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

NOVAES, A. (Org.). **Ética**. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

RIOS, T. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 1994.

VARELA, F. J. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Ed. 70, 1995.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética** (1969). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

